

---

## ESCRITA ACADÊMICA E PRODUÇÃO DE RESUMO

**Rodrigo Maia Theodoro dos Santos**<sup>1</sup>  
Doutor em Língua Portuguesa – PUC-SP

**João Hilton Sayeg-Siqueira**<sup>2</sup>  
Doutor em Linguística – PUC-RS  
Titular do PEPG em Língua Portuguesa – PUC-SP

### Resumo

Este artigo tem por tema o estudo da constituição da escrita acadêmica e seu desdobramento conceitual e prático na produção do resumo textual. O objetivo é refletir sobre os caminhos traçados pelo desenvolvimento científico que levaram a uma sistematização da escrita acadêmica. Para tanto, o apoio teórico e empírico concentra-se nas recomendações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e nas considerações de Leite (2006). Parte-se de um arrazoado histórico sobre a escrita, o desenvolvimento científico e a constituição acadêmica para consolidar a sistematização de sua produção textual, que se configura por operações de retextualização e que possibilita um bom exercício de revisão textual.

**Palavras-chave:** Escrita acadêmica; Produção textual; Resumo; Padronização normativa.

### Introdução

O primeiro aspecto que deve ser observado ao escrever é a generosidade com o leitor para que ele entenda e mantenha o foco no empreendimento. Por isso, convém primar pela clareza, por meio de linguagem acessível e simples, sem rebuscamento e preâmbulos desnecessários. A eficácia da escrita é garantida por um vocabulário apropriado e preciso, com sentido único, sem ambiguidades, que tornam o texto confuso e obscuro.

Para o texto acadêmico, além dessas particularidades, há orientações composicionais que indicam a necessidade de certa formalidade e rigor, com linguagem apropriada, longe de gírias, de coloquialismos, de senso-comum, de chavões, de subjetividades e de emoções pessoais, ou seja, ocorre, nesse contexto, uma busca de marcas gramaticais de impessoalidade.

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: rodrigomts@globo.com

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: joaohilton@uol.com.br

---

## **A escrita acadêmica: percurso**

A comunicação humana sempre primou pela modalidade oral da linguagem. Os desenhos rupestres deram partida a um percurso que, aos poucos, foi desencadeando a transposição do oral para o escrito, processo pelo qual a natureza social e funcional da humanidade se manifestou plenamente, pois o domínio da escrita não se reduziu simplesmente ao controle do simbolismo gráfico, uma vez que permitiu uma mudança de ciclo, da era pré-histórica para a histórica (PEQUENA HISTÓRIA DAS INVENÇÕES, 1976).

Na Pré-História o homem buscou se comunicar por meio de pinturas rudimentares feitas nas paredes das cavernas, que permitiam a troca de mensagens, a transmissão de ideias e a expressão de desejos e necessidades. Porém, ainda não era um tipo de escrita sistematizada, pois não havia organização, nem mesmo padronização das representações gráficas.

O uso adequado da escrita envolve a capacidade de selecionar ajustes de linguagem que foram sendo adotados por povos distintos, em diferentes regiões, na dependência não só dos recursos disponíveis, mas também das potencialidades políticas, econômicas e culturais acessíveis, o que trouxe grandes variações à complexidade gráfica desenvolvida. Mas em todas elas, a escrita foi (e ainda é) a maior responsável pela transmissão dos conhecimentos de uma geração para outra, da difusão da cultura e da consolidação da aprendizagem escolar.

A prática da escrita iniciou-se na Mesopotâmia por volta de 4.000 a.C., quando se tornou indispensável a anotação de propriedades, dívidas e impostos. Feitas sob a ponta de um bastão em placas de barro, as primeiras escritas consistiam em ideogramas, em que cada objeto correspondia a um símbolo ou representação gráfica. Por volta de 3.100 a.C., os sumérios, com os povos semitas da Arábia, implementaram a escrita cuneiforme. Cunhavam, em placas de argila, os registros cotidianos, administrativos, econômicos e políticos da época.

Nos primitivos livros mesopotâmicos, na tradição da bíblia judaica, nas epopeias, assim como até nas festas medievais, são comuns as descrições de conhecimentos revelados por divindades ao lado de outros transmitidos por tradição histórica e justificados apenas pela observação empírica e pelo bom senso. Esse movimento do conhecimento revelado e do adquirido, envolvendo questionamento e trabalho intelectual, levou a uma desfiguração da condição original, o que deu início à pesquisa científica propriamente dita, configurada por meio das descobertas realizadas a partir da

observação, da análise e da classificação dos fenômenos, acrescidos, paulatinamente, de experimentações.

As informações aumentavam num ritmo acelerado, sem encontrar correspondência de registro no pesado sistema de escrita, composto por grande número de símbolos, o que o tornava pouco prático. Foi só com a introdução dos sinais determinantes, artigos e numerais, e dos modificadores, os adjetivos, que a quantidade de símbolos ficou bastante reduzida.

Os egípcios antigos também desenvolveram a escrita, por volta de 3.000 a.C., quase na mesma época que os sumérios. Existiam, no antigo Egito, duas formas de escrita, uma mais simplificada e mais popular, a demótica, e outra mais complexa e mais elaborada, a hieroglífica, composta por ideogramas, utilizados quase que somente para registrar acontecimentos importantes. Assim como os mesopotâmios, os egípcios passaram a usar sinais determinativos para definir melhor o objeto representado, e posteriormente, egípcios e mesopotâmios começaram a usar ideogramas como sílabas. Tal desenvolvimento conduziu à adoção da fonética, com sinais representativos do próprio som da palavra, conclusão lógica do processo de criação de um sistema de escrita.

A partir de uma planta nativa, chamada papiro, os egípcios processaram uma espécie de papel, utilizado para escrever. A transposição da escrita, esculpida nas pedras, que edificavam as paredes das pirâmides e dos templos, para o papiro, foi facilitada, uma vez que a cunha foi substituída pelo pincel ou pela pena. Assim, a forma dos hieróglifos teve de ser mudada para um sistema de escrita mais rápido. Cada símbolo ficou reduzido a poucos traços, nascendo a escrita hierática, base do sistema de escrita ocidental.

Em cerca de 1000 a.C., os fenícios, tomando elementos da escrita egípcia e da mesopotâmica, criam sua própria escrita, que não possuía vogais, somente consoantes, cada qual com seu símbolo. Apesar das palavras só serem entendidas no contexto da frase, o sistema fenício apresentava a vantagem de poder ser escrito com rapidez. Por isso, por volta de 600 a.C., os gregos absorveram a escrita fenícia, corrigindo sua maior falha, a falta de vogais, adicionadas por meio de sinais. Com isso, os gregos criaram aquilo que se tornaria o alfabeto utilizado, atualmente, na cultura ocidental.

Uma escrita mais dinâmica favoreceu a divulgação dos pensamentos dos filósofos gregos, os primeiros a empreenderem uma confrontação sistemática de saberes e tradições da existência humana, que acabou por gerar um método de análise e um olhar mais arguto, mais crítico, sobre a concepção do universo. Foram projetadas novas versões e explicações sobre a verdade, que exigiram uma mudança de atitude, descartando a

passividade reveladora e se atirando na busca ativa da descoberta, por meio da dúvida, inquiridora e, por isso, geradora do espírito crítico (JAEGER, 1995).

Assim, teve início a ciência, resultado da observação, da indagação e da pesquisa, que suplantou as limitações dos sentidos, fonte principal da construção do conhecimento, até então. A ciência, fruto da investigação e da análise, tornou tudo passível de exame e, conseqüentemente, de crítica, abriu oportunidades de surgimento de grandes pensadores, como Aristóteles, que sistematizou o método científico clássico, de grandes conquistadores, como Alexandre, que, ao buscar aprimoramentos na eficácia de seus instrumentos de guerra, configurou a pesquisa aplicada, adotada também pelos romanos, esboçando-se a aliança entre ciência e tecnologia, característica primordial da civilização ocidental.

Na Roma Antiga, o alfabeto era formado só por letras maiúsculas. Contudo, na época em que essas começaram a ser escritas nos pergaminhos, com auxílio de hastes de bambu ou de penas de pato e de outras aves, ocorreu uma modificação em sua forma original, criando-se um estilo de escrita, mais arredondado, denominado uncial. O novo estilo foi favorecido, inclusive, pela invenção do papel, por volta de 105 d.C., pelos chineses. Essas adaptações fizeram com que a escrita cursiva romana resistisse até o século VIII da Era Cristã, desenvolvida por duas modalidades diferentes, do século I ao III, uma, formada por caracteres maiúsculos e, a partir do século III, outra, composta, também, por letras minúsculas.

O legado greco-romano estabeleceu as bases para o desenvolvimento da civilização ocidental. Por isso, na Idade Média, marcada por instabilidades políticas, econômicas e culturais que trouxeram intranquilidades sociais e instigaram, iterativamente, indagações, foi revalorizado o conhecimento científico clássico, pela Patrística e pela Escolástica, que, pelo cunho religioso, não abandonaram a forma canônica de comportamento. Mesmo assim, a Escolástica deu um passo à frente ao adotar um procedimento de conciliação entre a fé cristã e o pensamento racional da filosofia grega, com ênfase na dialética, método crítico ocidental, dominante nas universidades medievais.

O movimento dialético, investido de uma postura crítica, partiu para a superação do paradigma clássico-escolástico de ciência por meio da descanonização e desdogmatização do pensamento científico, movimento esse que lançou as bases para o surgimento do pensamento científico moderno. A partir dessa abertura, a especulação

---

científica começou a ganhar grande força por intermédio de pensadores importantes como Bacon, protagonista no surgimento do empirismo (BRUCKHARDT, 1990).

A desvinculação do pensamento teológico escolástico propiciou um arcabouço teórico e técnico mais sofisticado e realizou um grande avanço na ciência moderna, conhecido como revolução científica, primordial para a construção da civilização moderna. Ao negar ou pelo menos questionar, a priori, todo o conhecimento antigo, a nova ciência inaugurou a tradição moderna, fundamentada na ideia da crítica, na investigação sistemática e no critério da razão, principalmente depois de Descartes.

A ciência moderna começou a firmar sua autonomia a partir de uma metodologia própria inteiramente assentada na lógica racional, foco central do Iluminismo, momento em que se começou a acreditar na possibilidade de alcançar a verdade incontestável por meio das luzes da razão científica, banindo para sempre as trevas do misticismo religioso e mítico. O projeto que se esboçou ao longo do século XVIII tornou-se programa para os novos cientistas do século seguinte.

O século XIX se apresentou como o Século da Ciência, momento em que começou a ser definido o conhecimento, dito definitivo, da potencialidade intelectual do homem e de sua organização em sociedade. O positivismo de Comte e o evolucionismo de Spencer foram testemunhos emblemáticos dessa crença inabalável na ciência. A ciência se tornou razão primeira e última do conhecimento humano. Deixaram-se de lado as especulações em favor da descrição racional dos objetos de investigação. Essa postura imanentista, resgatou, em termos relativos, sem a dogmatização, a canonização da ciência.

Embora, no início, o Século da Ciência tenha estimulado grande entusiasmo e esperança, terminou eivado de dúvidas e de perplexidade. A dedicação desmedida de muitos cientistas provocou demandas adversas que indicaram a necessidade de uma grande e urgente revisão, colocando em cheque todo o projeto anterior. Mais uma vez, a própria lógica da pesquisa científica acabou por provocar a redefinição dos pressupostos teóricos e dos paradigmas estabelecidos. Iniciou-se, então, o século XX, com uma nova postura metodológica que parcializou o arbítrio do quantitativo, do empírico e do mensurável.

O século XX se encarregaria, portanto, do difícil trabalho de desconstrução e reconstrução das heranças pregressas, trilhando novos caminhos, encontrando novas encruzilhadas. Os novos problemas colocados pela ciência na passagem do século se constituíram na imprescindibilidade de se redefinir, principalmente após Freud, o

conceito de razão, herdada do iluminismo e do positivismo dos séculos XVIII e XIX, respectivamente.

Cabe destacar que os métodos acadêmicos tradicionais, embora questionados nos procedimentos científicos, arraigaram-se na tradição institucionalizada, uma vez que, ainda, as orientações para o relato dos resultados obtidos pelas pesquisas seguiam normas técnicas, que estabeleceram, subrepticiamente, cânones, situação que a própria ciência reconheceu ser incapaz de solucionar. Efetivamente, a escrita acadêmica não foi instituída como um simples registro textual, mas como uma forma específica de processar a linguagem, uma maneira mais complexa de comunicação, baseada em imposições canônicas por meio de padrões normativos.

Dessa forma, o sistema institucionalizado de escrita assumiu sua função social por meio da observação de seu funcionamento e das tentativas de utilizá-lo. Para que a linguagem escrita, historicamente desenvolvida pela humanidade, se convertesse em linguagem escrita institucionalizada, foram necessários complexos processos de desenvolvimento normativo que constituíram momentos diferenciados de um processo unificado de desenvolvimento dos conhecimentos científicos.

O fato de se ter uma base canônica para a produção de texto acadêmico favoreceu a elaboração de manuais de normas de escrita. No Brasil, por meio da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), são apresentadas orientações sobre a escrita de textos acadêmicos. À guisa de exemplificação, será abordada a escrita do resumo de trabalho acadêmico, a fim de se entender quais são as características desse tipo de texto para verificar como ele obedece a uma determinada padronização.

## **O resumo acadêmico**

Na Norma Brasileira (NBR) 6028:2019, que versa sobre *Informação e documentação - Resumo – Apresentação*, é apresentado o seguinte texto:

### **Prefácio**

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é o Fórum Nacional de Normalização. As Normas Brasileiras, cujo conteúdo é de responsabilidade dos Comitês Brasileiros (ABNT/CB) e dos Organismos de Normalização Setorial (ABNT/ONS), são elaboradas por Comissões de Estudo (CE), formadas por representantes dos setores envolvidos, delas fazendo parte: produtores, consumidores e neutros (universidades, laboratórios e outros).

Os Projetos de Norma Brasileira, elaborados no âmbito dos ABNT/CB e ABNT/ONS, circulam para Consulta Pública entre os associados da ABNT e demais interessados.

### **1. Objetivo**

Esta Norma estabelece os requisitos para redação e apresentação de resumos.

### **2. Definições**

Para os efeitos desta Norma, aplicam-se as seguintes definições:

**2.1 palavra-chave:** Palavra representativa do conteúdo do documento, escolhida, preferentemente, em vocabulário controlado;

**2.2 resumo:** Apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento;

**2.3 resumo crítico:** Resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento. Também chamado de resenha. Quando analisa apenas uma determinada edição entre várias, denomina-se *recensão*;

**2.4 resumo indicativo:** Indica apenas os pontos principais do documento, não apresentando dados qualitativos, quantitativos etc. De modo geral, não dispensa a consulta ao original;

**2.5 resumo informativo:** Informa ao leitor finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento, de tal forma que este possa, inclusive, dispensar a consulta ao original.

### **3. Regras gerais de apresentação**

Os resumos devem ser apresentados conforme 3.1 a 3.3.

**3.1** O resumo deve ressaltar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões do documento. A ordem e a extensão destes itens dependem do tipo de resumo (informativo ou indicativo) e do tratamento que cada item recebe no documento original.

**3.2** O resumo deve ser precedido da referência do documento, com exceção do resumo inserido no próprio documento.

**3.3** O resumo deve ser composto de uma sequência de frases concisas, afirmativas e não de enumeração de tópicos. Recomenda-se o uso de parágrafo único.

**3.3.1** A primeira frase deve ser significativa, explicando o tema principal do documento. A seguir, deve-se indicar a informação sobre a categoria do tratamento (memória, estudo de caso, análise da situação etc.).

**3.3.2** Deve-se usar o verbo na voz ativa e na terceira pessoa do singular.

**3.3.3** As palavras-chave devem figurar logo abaixo do resumo, antecedidas da expressão *Palavras-chave*, separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto.

**3.3.4** Devem-se evitar:

a) símbolos e contrações que não sejam de uso corrente;

b) fórmulas, equações, diagramas etc., que não sejam absolutamente necessários; quando seu emprego for imprescindível, defini-los na primeira vez que aparecerem.

**3.3.5** Quanto a sua extensão os resumos devem ter:

a) de 150 a 500 palavras os de trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e outros) e relatórios técnico-científicos;

b) de 100 a 250 palavras os de artigos de periódicos;

c) de 50 a 100 palavras os destinados a indicações breves.

Os resumos críticos, por suas características especiais, não estão sujeitos a limite de palavras.

Se, por um lado, há as orientações técnicas, por outro, surgem trabalhos acadêmicos refletindo sobre a conceituação e a elaboração de resumo, com o intuito de sistematizar a proposta técnica em formulação prática para as mais diversas produções institucionais que solicitam tal tipo de composição.

Segundo Leite (2006), resumo pode ser conceituado como uma forma reduzida de informação, ou mesmo como resultado de um processo mental de compreensão. Por meio dessa noção, pode-se inferir que o conceito está diretamente ligado ao produtor (redator) do resumo, principalmente quando a referência se dá a partir de um *processo mental de compreensão*. Ainda de acordo com a autora, resumir também pode ser considerado um ato de sumarizar a informação. Para que se possa entender melhor o resumo, convém destacar duas instâncias que serão analisadas: o redator do resumo e o leitor do resumo.

Por um lado, o redator do resumo, como o próprio nome diz, é aquele que redige o texto, quem produz o pensamento e o transforma na modalidade escrita da língua, em forma de texto. Para se elaborar um resumo, é imprescindível ter conhecimento de causa, isto é, somente é possível resumir algo que se conhece, compreende, presencia, vive ou ouve. O ato de resumir é resultante da capacidade mental que o ser humano tem de compreender coisas. Não é possível, portanto, elaborar um resumo daquilo que é desconhecido.

Por outro lado, existe o leitor do resumo, e todo processo de compreensão daquilo que é escrito depende dele, porque a leitura e a compreensão estão diretamente relacionadas às competências que o leitor deve ter. É claro que um texto ruim, mal estruturado, sob o ponto de vista do conteúdo, da forma e da constituição linguística, pode provocar um problema à leitura, mas o bom leitor sabe distinguir o texto bom do texto ruim e se comportar adequadamente diante de qualquer tipo de texto.

Ao pensar em estratégias para o processo de resumos de texto, Leite (2006, p. 15) salienta que

[...] a memória humana é capaz de selecionar certas informações, as arquiva e apaga outras. O processo é: selecionam e apagam. Além disso, a mente reconstrói informações aprendidas, oferecendo uma nova forma a essas informações, o que a torna resumida, reduzida.

Portanto, as estratégias são de dois grandes tipos: as que se concretizam pela seleção dos conteúdos lidos e as que decorrem de construção elaborada a partir dos conteúdos aprendidos. Em ambos os casos, o leitor se atém ao conteúdo do texto, sendo fiel às informações nele contidas.

Na primeira estratégia, a seleção decorre de duas operações mentais, uma denominada cópia e outra denominada apagamento. A cópia é o armazenamento de informações e o apagamento, como o próprio nome diz, elimina as informações. Essa estratégia permite que o leitor mantenha a linguagem do texto-fonte, já que, literalmente

elimina o conteúdo secundário à ideia central do texto.

Pela segunda estratégia, a mente reconstrói a informação relevante por meio de dois processos básicos: o da generalização, pelo qual uma sequência de informações particulares pode ser substituída por itens que a englobe; e o da construção, pelo qual uma sequência de informações pode ser substituída por outra mais reduzida, inferida pela associação de seus significados.

Esquemáticamente, estas são as estratégias referidas:

- 1. Seleção:** manutenção de conteúdos e características relevantes, estilo linguístico e forma composicional, e conseqüente eliminação dos irrelevantes, por meio das operações de:
  - a) cópia: manutenção de informações primárias: título, autoria, divulgação;
  - b) apagamento: eliminação de informações secundárias;
- 2. Construção:** substituição de uma sequência por outra por meio das operações de:
  - a) generalização: substituição de informações particulares por gerais;
  - b) construção: reelaboração da informação por associação de significados.

Um resumo precisa, necessariamente, obedecer a um determinado modelo para ser aceito pela academia, ou seja, ter consistência para circular e pertinência para ser consumido (FAIRCLOUGH, 2001). Para tanto, segundo Leite (2006), um resumo científico deve apresentar as seguintes etapas:

- a) a declaração do tema;
- b) o objetivo da pesquisa;
- c) a citação do quadro teórico e metodológico que suporta o trabalho;
- d) o resultado alcançado.

Esse esquema reflete as recomendações da ABNT, para a qual, o resumo corresponde à apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto. Quando se trata de trabalhos acadêmicos, o resumo precede o texto e é sempre redigido pelo próprio autor.

Em suma, convém ao resumo:

- 1.** apresentar as ideias mais relevantes do original, indicando sucintamente:
  - a) o assunto e o propósito do trabalho;
  - b) o aparato, ou aparelhagem, de que, se for o caso, se serviu o autor nas suas pesquisas e experiências;
  - c) o método adotado;
  - d) os resultados e conclusões;
- 2.** ser redigido em linguagem objetiva e impessoal, sem qualquer juízo ou apreciação crítica sobre o mérito ou as falhas do trabalho (isto competes às avaliações críticas);
- 3.** ser inteligível por si mesmo, como se fosse uma peça autônoma, evitando-se assim expressões tais como “o autor deste trabalho...”, “o assunto desta tese...” e outras equivalentes;

4. evitar tanto quanto possível repetição de frases íntegras do original, o que não impede a citação entre aspas de uma ou outra expressão típica;
5. destacar com a devida ênfase a contribuição pessoal do autor (fatos novos, novas teses, interpretações e conclusões);
6. ser feito, enfim, de tal forma que, oferecendo ao leitor uma visão sucinta do assunto, possa levá-lo, a se interessar por informações mais detalhadas, à leitura do original.

Para ilustrar esses procedimentos, segue um resumo elaborado especialmente para este artigo, acompanhado de considerações sobre suas características organizacionais.

**Título:** Resumo: características estruturais e pragmáticas

**Resumo:** O presente artigo tem por tema uma análise das características estruturais e pragmáticas de resumos de trabalhos acadêmicos, tomados por base, para além dos critérios gramaticais, a busca de articulações operacionais no processo de construção do texto. O objetivo principal é identificar as principais características do texto acadêmico para que se chegue às reflexões sobre modelos de produção deste gênero. Para discorrer sobre o viés teórico do artigo, foi tomada por base a abordagem da Linguística Textual e os critérios de textualidade, apontados como os principais responsáveis pela articulação do texto como uma unidade significativa. A escolha desse gênero se deve ao fato de o resumo se caracterizar como uma forma sucinta de resgate de um texto mais amplo, o que caracteriza um procedimento de retextualização. Dessa forma, a busca pelos procedimentos de reconstrução textual pode ser realizada com mais qualidade e clareza.

**Palavras-chave:** resumo; trabalho acadêmico; características; textualização.

É de praxe que o tempo verbal utilizado para a escrita seja o pretérito perfeito do indicativo, visto que a pesquisa já foi realizada e as conclusões encerradas; ou o presente do indicativo, por indicar uma relação atemporal. Ainda, fora a identificação designativa inicial do trabalho acadêmico que está sendo condensado e as palavras-chave, de fechamento, o resumo é composto por cinco etapas.

**Primeira etapa:** declaração do tema:

O presente artigo tem por tema uma análise das características estruturais e pragmáticas de resumos de trabalhos acadêmicos, tomados por base, para além dos critérios gramaticais, a busca de articulações operacionais no processo de construção do texto.

É possível notar que esse início apresenta o propósito do trabalho acadêmico desenvolvido, com especificação do assunto: *resumos de trabalhos acadêmicos*; e a delimitação temática aplicada: *características estruturais e pragmáticas (...) em busca de articulações operacionais no processo de construção do texto* (LEVINSON, 2007). É importante essa contextualização inicial para orientar e facilitar o percurso de leitura, pois

o leitor consegue se situar com mais precisão.

**Segunda etapa:** exposição do objetivo:

O objetivo principal é identificar as principais características do texto acadêmico para que se chegue às reflexões sobre modelos de produção deste gênero.

Pode ser que o trabalho apresente vários objetivos, entre geral e específicos. Aqui, é apresentado, pela especificação *principal*, apenas o objetivo geral. Por meio dessa discriminação, é possível reconfigurar a delimitação iniciada na etapa anterior, estendendo-se para uma projeção *às reflexões sobre modelos de produção*.

**Terceira etapa:** demonstração do apoio teórico:

Para discorrer sobre o viés teórico do artigo, foi tomada por base a abordagem da Linguística Textual e os critérios de textualidade, apontados como os principais responsáveis pela articulação do texto como uma unidade significativa.

Tanto na declaração do tema, quanto na exposição do objetivo principal, há uma predominância do termo texto: *busca de articulações operacionais no processo de construção do texto [...] identificar as principais características do texto acadêmico*. Isso traz um direcionamento à leitura em direção à constatação da base teórica: *abordagem da Linguística Textual e os critérios de textualidade* (ADAM, 2008; BEAUGRANDE; DRESSLER, 1983; FÁVERO; KOCH, 1983).

**Quarta etapa:** relato dos resultados:

A escolha desse gênero se deve ao fato de o resumo se caracterizar como uma forma sucinta de resgate de um texto mais amplo, o que caracteriza um procedimento de retextualização.

No relato do resultado, é formulada uma conceituação sobre resumo: *se caracterizar como uma forma sucinta de resgate de um texto mais amplo*. Associativamente, inclui-se uma perspectiva para ampliação da investigação: *caracteriza um procedimento de retextualização* (MARCUSCHI, 2007); procedimento que possibilita o esclarecimento das operações aplicadas para a síntese textual. Presentifica-se aqui também a base teórica textual.

**Quinta etapa:** apresentação das conclusões:

Dessa forma, a busca pelos procedimentos de reconstrução textual pode ser realizada com mais qualidade e clareza.

Tem-se, na conclusão, uma indicação de proposta de orientação pedagógica: *pode ser realizada com mais qualidade e clareza*. Encontra-se, novamente, a referência à

fundamentação: *procedimentos de reconstrução textual*.

Cabe destacar que, embora não haja nas orientações da ABNT, o resumo analisado faz referência ao procedimento metodológico adotado: *O presente artigo tem por tema uma análise*. O procedimento adotado é o analítico, tendo por base *critérios gramaticais e operacionais no processo de construção do texto*.

Por meio dessa análise, consegue-se verificar que o resumo respeita todas as etapas previstas e estabelecidas pela orientação acadêmica. Conforme mencionado, resumir implica um procedimento pragmático de revisão textual. Dessa forma, torna-se um item de suma importância para uma leitura crítica do trabalho elaborado, uma vez que condensa cada etapa e estabelece entre elas uma relação coesa e coerente. Se isso não for possível, indica a presença de desajustes.

### **Conclusão**

O resumo do trabalho acadêmico tem sua melhor definição como um condensado textual. Ele funciona justamente como um modelo compactado da pesquisa realizada, que traz as principais informações presentes no produto realizado, por meio de etapas que são normatizadas, com o intuito de garantir a qualidade de um resumo adequado, que ofereça ao leitor condições de inteirar-se do conteúdo do trabalho sem a necessidade de leitura de todo o texto.

Para finalizar, seguem algumas observações. Um deslize muito comum praticado na produção do resumo é torná-lo demasiadamente prolixo, uma vez que ele deve ser capaz de oferecer um panorama curto, incisivo e completo, segundo padronizações acadêmicas. Mesmo assim, alguns autores classificam os resumos de modo distinto e aproveitam desse expediente para promoverem flexibilizações em sua configuração textual e não seguir a conformação estrutural canônica, geralmente recomendada.

### **Referências**

- ADAM, J-M. *A Linguística Textual: uma introdução à análise textual dos discursos*. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues et al. São Paulo: Cortez, 2008.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. 2019. Disponível em: <[www.abnt.org.br/normalização](http://www.abnt.org.br/normalização)>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- BEAUGRANDE, R-A. de; DRESSLER, W. *Introduction to Text Linguistics*. Londres: Logman, 1983.
- BRUCKHARDT, J. *A Civilização do Renascimento Italiano*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística textual*: Introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

JAEGER, W. *Paidéia*: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEITE, M. Q. *Resumo*. São Paulo: Paulistana, 2006. (Coleção Aprenda a fazer)

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita – Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.

PEQUENA História das Invenções. São Paulo: Abril Cultural e Industrial, 1976.

## ACADEMIC WRITING AND SUMMARY PRODUCTION

### Abstract

This article has as its theme a study of the constitution of academic writing and its conceptual and practical unfolding in the production of textual summary. The objective is to reflect on the paths traced by the scientific development that led to a systematization of academic writing. Therefore, the theoretical and empirical support is focused on the recommendations of the Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) and on the considerations of Leite (2006). It begins with a historical reasoning about writing, scientific development and academic constitution to consolidate the systematization of its textual production, which is shaped by operations of retextualization and that allows a good exercise of textual revision.

**Keywords:** academic writing; text production; summary; normative standardization.

**Envio:** junho/2019

**Aceito para publicação:** agosto/2019